Data: 08.07.2021
Titulo: A agricultura biológica atual não conseguiria alimentar a população"
Pub: VISÃO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 68;69

QuickCom comunicação integrada

Área: 1212cm²/ 122%
Tiragem: 80.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7175292

VISÃO VERDE

TIAGO DOMINGOS

"A agricultura biológica atual não conseguiria alimentar a população"

Um estudo português conclui que a produção biológica tem grandes limitações. Mas há formas de melhorar a sua produtividade, diz Tiago Domingos, um dos autores da investigação

LUÍS RIBEIRO

Num mundo ideal, trigo, batatas e arroz cresceriam abundantemente sem ser preciso uma gota de pesticida. No mundo real, foi a Revolução Agrícola dos anos 50 e 60, com a explosão de tecnologia e agroquímicos, que resgatou boa parte da raça humana. Calcula-se que a invenção da agricultura moderna tenha salvado mil milhões de pessoas de morrerem de fome.

Hoje, advoga-se o regresso a uma agricultura mais "pura", que evite a aplicação de fitofármacos sintéticos. Mas essa agricultura, a biológica, tem um problema: uma produtividade, em média, 20% mais baixa do que a convencional, o que a torna ineficaz para alimentar uma população crescente (ou, em alternativa, teríamos de roubar ainda mais espaço a ecossistemas naturais para criar novas terras agrícolas). Um estudo de três investigadores portugueses do Instituto Superior Técnico – Tiago Domingos, Tiago Morais e Ricardo Teixeira, e publicado na revista científica *Global Environmental Change*, conclui que a produção biológica é incapaz de alimentar o planeta, porque, sem fertilizantes de síntese, não consegue produzir azoto suficiente para ser viável. Mas há uma forma de aumentar muito a sua produtividade, aponta Tiago Domingos: com a ajuda dos animais.

A agricultura biológica consegue alimentar o planeta?
A agricultura biológica atual não conseguiria alimentar toda a população. Por um lado, porque é menos produtiva. Precisaríamos de uma área maior para alimentar a Humanidade, o que levaria a mais desflorestação. E, nesse caso, teríamos na mesma o problema do azoto, o nutriente mais fundamental para a agricultura. A produção biológica, que só pode utilizar fertilizantes obtidos por processos naturais, tem de ir buscar o azoto através das leguminosas. Mas, para isso, precisa de uma área que simplesmente não existe no planeta Terra.

Mas o seu estudo identifica formas ou métodos para tornar a agricultura bio mais produtiva.
O nosso estudo, que é feito para 2050, quando a população será bem superior à atual, identifica que a agricultura biológica só consegue alimentar toda a Humanidade mediante um elevadíssimo esforço de inovação. Nomeadamente, passa por conseguir ter plantas leguminosas que, em média, têm o dobro da capacidade de fixação de azoto que têm hoje. Passa pelo aproveitamento dos resíduos urbanos orgânicos, para fertilizar terrenos da agricul

Data: 08.07.2021
Titulo: A agricultura biológica atual não conseguiria alimentar a população"
Pub: VISÃO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 68;69

Área: 1212cm²/ 122%
Tiragem: 80.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7175292

tura biológica, pelo aumento da eficiência na alimentação dos animais e por uma componente significativa de produção animal. Há terrenos que não podem ser usados para agricultura, mas que podem ser para pastagens, e os animais que se alimentam destas pastagens fornecem, por um lado, leite e carne para consumo humano directo e, por outro, o estrume que vai dar o azoto de que as culturas biológicas necessitam.

Há cada vez mais gente a defender uma alimentação vegan e biológica, mas na verdade, se for biológico, foram usados fertilizantes com origem animal. Estes conceitos são inconciliáveis?

No sentido estrito, são inconciliáveis. Claro que se uma parte dos habitantes do planeta Terra for vegan e outra parte consumir biológico, não há problema. Agora, pensar que toda a Humanidade poderá ser simultaneamente vegan e fazê-lo em agricultura biológica é impossível. Mesmo com as melhorias de tecnologia, com a inovação que vislumbramos, será muito difícil fazê-lo sem recurso a animais.

Tem havido grande foco na necessidade de reduzir o consumo de carne. Que impacto, em termos de emissões, teria essa redução, atendendo a que o azoto que hoje vem do estrume teria de ser compensado pela produção industrial de fertilizantes sintéticos?

O que o nosso estudo mostra é que, em termos de emissões, é melhor que a Humanidade tenha um consumo de produtos de origem animal claramente inferior à média dos países mais desenvolvidos. O que não é favorável é a eliminação completa dos produtos de origem animal. Um sistema alimentar sustentável precisa dos animais para processar o alimento que não pode ser usado diretamente para nós.

O argumento mais utilizado contra a carne é que não precisamos dos animais como intermediários dos nutrientes, porque a área de pasto podia servir para produzir alimentos para os humanos. Mas nem todo o pasto é convertível para agricultura...

Precisamente. Os terrenos utilizados para soja e milho destinados à alimentação animal poderiam ser, de facto, utilizados para produzir alimentos diretamente para consumo humano, mas uma grande parte das áreas de pastagens não pode ser convertida, e seria até ecologicamente gravoso se fosse. Temos, em Portugal, o exemplo claro e dramático disso: a destruição dos solos do Alentejo com a campanha do trigo.

Se aplicarmos as mesmas soluções do vosso estudo à agricultura convencional, não poderão torná-la mais sustentável?

Esse é também um dos resultados muito interessantes do nosso estudo. A produção de adubo azotado para a agricultura convencional tem grande impacto, quer nas fábricas que usam gás natural no processo de produção do adubo azotado, quer depois com as emissões de óxido nitroso, um forte gás com efeito de estufa. Analisámos as consequências se descarbonizássemos a produção desses adubos, usando fontes de energia de origem renovável, e acrescentámos as otimizações que considerámos para agricultura biológica – e acabámos por conseguir um cenário mais favorável do que o da agricultura biológica em termos de utilização de área, embora seja mais ou menos equivalente em termos de emissões de gases com efeito de estufa. Digamos que acaba por não fazer assim tanta diferença se a agricultura é convencional ou biológica. O que interessa é apostar em agricultura de forte base tecnológica, com muita inovação e melhoria nos processos produtivos.

A estratégia europeia Do Prado ao Prato quer que, até 2030, 25% da área agrícola seja biológica. Uma vez que é menos produtiva, isto implica maior importação de alimentos?

Há esse risco. Mais do que o sistema em si mesmo, interessa como as atividades são praticadas. Se a agricultura biológica for praticada em zonas de baixa produtividade e associada a estratégias de desenvolvimento rural, de redução de incêndio, tem enormes virtudes. Agora, se os terrenos de alta produtividade, que alimentam a população europeia, forem convertidos para biológica, teremos quebras de produção e aumento de importações, elas próprias associadas a desflorestação e a maiores emissões de gases com efeito de estufa, se os produtos vierem de países com menos exigências em termos ambientais.

Em Portugal, a maior parte da carne de vaca tem origem em produção extensiva. O saldo ambiental desta produção é positivo ou negativo?

O sistema de pastagem tem vários benefícios, e o mais assinalável, num país como Portugal, é a redução do risco de incêndio. A utilização de sistemas como o das pastagens semeadas biodiversas permite ainda fazer sequestro de carbono no solo, compensando grande parte da pegada de carbono da carne.

As pastagens semeadas biodiversas têm a capacidade de absorver mais carbono num hectare do que aquilo que um português médio emite.

As pastagens absorvem 6,5 toneladas por ano, e um português emite 4,7. São uma solução extremamente importante e que devíamos, de facto, generalizar, até porque o aumento de matéria orgânica que proporcionam é fundamental para proteger os nossos solos da desertificação e da degradação.

Atendendo às mais-valias ambientais, que vão para lá das emissões, é tão importante apelar a que se coma menos carne como a que se coma a carne certa?

Sem a mínima dúvida. Temos de reduzir o consumo, por razões ambientais e de saúde, e temos de consumir a carne certa, nomeadamente a que presta serviços ambientais. Precisamos de aumentar o pastoreio no Norte e Centro do País, nas zonas mais flageladas pelos incêndios, para controlar o combustível, e aumentar também sistemas como as pastagens biodiversas, que fazem o sequestro de carbono no solo. Passar de um consumo de carne com alto impacto ambiental para um consumo de carne com baixo impacto corresponde a um benefício muito maior para o ambiente do que passar para zero. lribeiro@visao.pt

TEMOS DE REDUZIR O CONSUMO DE CARNE E DE CONSUMIR A CARNE CERTA, NOMEADAMENTE A QUE PRESTA SERVIÇOS AMBIENTAIS